

sobre fatos do dia, tanto do cenário brasileiro como do mundo e ainda abarcava imensa variedade de temas, pois estávamos em meio à primeira conflagração mundial com o Brasil ainda neutro, mas agitado pelos reflexos da luta na Europa e pelo extravasamento das operações da área terrestre para a marítima, em virtude da campanha submarina com os submersivos alemães atuando intensamente no Atlântico, não apenas ao norte, mas já bem ao sul do Equador, o que começava a afetar o tráfego costeiro ao longo de todo o nosso litoral.

“Embora absolvido, nunca mais entrou em graça dos ministros e dos seus generais. Todos o tinham na conta de parvo, de um comandante de opereta que andava à cata do seu navio pelos quatro pontos cardeais. Deixaram-no ‘encostado’, como se diz na gíria militar, e ele levou quase quarenta anos para chegar de Guarda-Marinha a Capitão de Fragata. Reformado no posto imediato, com graduação do seguinte, todo o seu aze-dume contra a Marinha se concentrou num longo trabalho de estudar leis, decretos, alvarás, avisos, consultas, que se referissem a promoções de oficiais. Comprava repertórios de legislação, armazenava coleções de leis, relatórios, e encheu a casa toda essa enfadonha e fatigante literatura administrativa. Os requerimentos, pedindo a modificação da sua reforma, choviam sobre os ministros da Marinha. Corriam meses o infinito rosário de repartições e eram sempre indeferidos, sobre consultas do Conselho Naval ou do Supremo Tribunal Militar. Ultimamente constituíra advogado junto à justiça federal e lá andava ele de cartório em cartório, acotovelando-se com meirinhos, escrivães, juízes e advogados — esse poviléu rebarbativo do foro que parece ter contraído todas as misérias que lhe passam pelas mãos e pelos olhos.”

(*O Triste Fim de Policarpo Quaresma*)

Falava-se de muita coisa: literatura, opiniões a respeito das últimas obras editadas e, conforme a predominância de grupos, tanto se discutia poesia e romance, como direito, bio-

logia, filosofia, teosofia (era o tempo em que as primeiras obras de Roso de Luna começavam a chegar ao Brasil em boas edições espanholas). Também, em nossas livrarias, podia-se adquirir a mil-réis e a dois mil-réis as obras-primas dos maiores escritores e pensadores de todos os tempos e de todos os povos, em ótimas traduções para o francês, excelentemente impressas e encadernadas por uma grande livraria inglesa de Edimburgo. Veja, por uma nota de mil-réis, ou simplesmente, dez tostões em níquel, podia-se possuir qualquer obra-prima dos maiores poetas, pensadores, filósofos, cientistas de todos os povos. Assim, Lima podia adquirir a cultura larguíssima e sólida que, através de suas páginas, como de suas conversas, encantava os ouvintes.

“Nasci pobre, nasci mulato... Pairei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreenderem certos atos desarticulados da minha existência, entretanto elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão, fui poeta! Para isso fiz todo o sacrifício. A Arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava não só a minha redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor.”

(Leonardo Flores em *Clara dos Anjos*)

“Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência em nossa nacionalidade.”

(*Diário Íntimo*)

Demorava-se como os outros, no máximo, das três às cinco da tarde: no barzinho da rua Sachet. Depois, tomavam seus